



A DISSOLUÇÃO DA IUGOSLÁVIA

1. INTRODUÇÃO

O termo **Desintegração ou Dissolução da Iugoslávia** ou **Jugoslávia** se refere a uma série de conflitos e irregularidades políticas que resultaram na desintegração da Iugoslávia (a República Socialista Federativa da Iugoslávia, RSF da Iugoslávia, ou simplesmente RFSI). A RSF da Iugoslávia foi um país que ocupou uma porção de terras que atualmente vai desde a Europa Central até os Bálcãs, uma região com um conflito étnico histórico. O país era um conjunto de seis repúblicas regionais e duas províncias autônomas, que estava dividida segundo as etnias e que na década de 1990 se separou em vários países independentes. Estas oito unidades federais passaram a ser seis repúblicas: Eslovênia, Croácia, Bósnia e Herzegovina, Macedônia, Montenegro, Sérvia, e as duas províncias autônomas ficaram com a Sérvia: Kosovo e Vojvodina. A Bósnia e Herzegovina não havia existido como um estado mesclado etnicamente desde 1465, e além disso não tinha uma maioria étnica clara, com 44% de bósnios muçulmanos, 33% de sérvios bósnios, 18% de bósnios croatas e outras minorias. A distribuição geográfica dos grupos étnicos que compunham a Iugoslávia representava o feito de que cada nação tinha uma população em cada uma das seis repúblicas. a Iugoslávia passou a ser um país com sete fronteiras, seis repúblicas, cinco nacionalidades, quatro idiomas, três religiões, dois alfabetos e um líder.

Já que a estrutura demográfica da Bósnia compreendia uma população de sérvios e croatas em cerca de 50% e com ideias de independência baseadas mais nas etnias do que na nação, o controle do território, a abrir-se a diferentes interpretações, e grandes zonas da Bósnia, Croácia e Sérvia foram consideradas zonas em disputa. Os elementos mais importantes que fomentaram a discórdia foram a formação do Reino da Iugoslávia, a guerra civil e o genocídio praticado pelo Estado Independente da Croácia durante a Segunda Guerra Mundial, a ideia da "Grande Sérvia", e as adaptações balcânicas do Pan-eslavismo.

A guerra civil que seguiu a secessão terminou com grande parte da antiga Iugoslávia reduzida à pobreza, enormes perturbações económicas e persistente instabilidade em todo o território onde ocorreram os piores combates. Hoje existem seis frágeis repúblicas, a maioria delas empobrecida pelas perdas materiais e pela fuga da população, quando não entregues ao crime organizado, sem contar com um permanente clima de frustração, misturado ao ódio étnico sempre pronto para dar seu sinal de retorno. As guerras foram os conflitos mais sangrentos em solo europeu desde o final da Segunda Guerra Mundial. Foram também os primeiros conflitos desde a Segunda Guerra Mundial onde foi formalmente julgado genocídios de carácter fundamental e muitos participantes individuais foram posteriormente acusados de crimes. O Tribunal Penal Internacional para a ex-Iugoslávia (TPIJ) foi criado pela ONU para julgar esses crimes.

2. ANTECEDENTES

Após a Segunda Guerra Mundial, em 1945, foi formado a República Socialista Federativa da Iugoslávia um Estado socialista comandado por Josip Broz Tito. Tito tratou de diminuir a influência dos dois maiores grupos étnicos, os sérvios e os croatas, dando estatuto de maior representatividade para os outros. O incrível mosaico étnico dos Bálcãs foi, durante os quarenta anos seguintes, sedimentado pela ideologia titoísta, que se viu enormemente reforçada quando Tito, desobedecendo a Stalin, escolheu uma "via própria para o socialismo", totalmente independente dos quadros que os

soviéticos impuseram no leste europeu por meio das "democracias-populares". Tito passou a desde então a gozar de um enorme respeito que transcendia as questões étnicas, sem dúvida era o único líder político da antiga Iugoslávia que tinha o apoio popular das diversas etnias. Uma anedota que sintetizava o sistema político-étnico da Iugoslávia sob Tito era: "Seis repúblicas, cinco etnias, quatro línguas, três religiões, dois alfabetos e um Partido". Ele ousara enfrentar os dois maiores tiranos da Europa do século XX, primeiro a Hitler e depois a Stalin, mantendo a Iugoslávia pacificada e coesa frente às pressões que sofreu durante a Guerra Fria. Ele, juntamente com Nasser do Egito e Nehru da Índia, lançou as bases do Movimento Não-Alinhado em 1961, projetando o seu nome internacionalmente.

Quando Tito veio a falecer, em 1980, entrou em prática uma constituição, preparada anteriormente, que tinha por objetivo alcançar a rotatividade do poder executivo para que desse modo nenhuma das etnias se sentisse excluída do poder central. Assim, a cada período legislativo, seria escolhido um representante de uma das seis maiores etnias, que assumiria a chefia do governo. Era impossível adotar o sistema da eleição direta para a chefia do executivo porque, se assim fosse feito, sempre seria sufragado um sérvio, uma vez que eles eram a maioria entre as etnias que compunham a Iugoslávia. O ponto fraco desse sistema era que nenhum dos presidentes escolhidos pelo parlamento da federação tinha a estatura de Tito, nem estava respaldado pelo voto majoritário da população. O que foi um ponto decisivo para o fracasso desse sistema.

3. CAUSAS DA DESINTEGRAÇÃO

a. Colapso econômico e contexto internacional

A Iugoslávia foi, em uma determinada época, uma nação com um grande poder industrial e uma economia próspera. Vinte anos antes de 1870, o crescimento do valor bruto do produto anual doméstico (GDP, por suas iniciais em inglês) foi em média de 6,1%, a assistência médica era gratuita, o índice de alfabetização era de 91% e a expectativa de vida alcançava os 72 anos. Mas depois de uma década de má administração econômica e cinco anos de desintegração, guerra e boicotes, a economia iugoslava entrou em colapso.

A Iugoslávia era um estado unitário, o qual abrangia tanto terras do Oriente como do Ocidente. Além disso, seu presidente, Josip Broz Tito, era um dos principais membros do "Terceiro Mundo" ou o "grupo dos sete", o qual era uma alternativa ante os países mais poderosos. E o mais importante, a Iugoslávia atuou como um estado-tampão entre o Ocidente e a União Soviética e também evitou que a URSS tivesse uma saída para o Mar Mediterrâneo. A população utilizava a frase de que a Iugoslávia tinha sete fronteiras, seis repúblicas, cinco nacionalidades, quatro idiomas, três religiões, dois alfabetos e um líder.

No entanto, depois da morte de Tito, com a ascensão de Gorbachev, a *perestroika* e a *glasnost* na União Soviética, o Ocidente se sentiu tão seguro de saber as intenções da URSS que a Iugoslávia já não significava uma central de importância estratégica. Não obstante Belgrado não fomentou alianças e apesar das suas importantes relações com a Comunidade Econômica Europeia e com os Estados Unidos, a administração de Ronald Reagan, especificamente, mencionou à economia iugoslava em uma operação secreta em 1984 (NSDD 133), "A política estadunidense rumo à Iugoslávia." Na Europa Oriental elaborou-se uma versão censurada descartada em 1990, criada em 1982. O último preconizou por "estender os esforços para promover uma 'revolução calada' para derrotar os governos e partidos comunistas", enquanto os países da Europa Oriental eram reintegrados a uma economia de mercado.

O *status quo* externo, do qual dependia o Partido Comunista para ser viável, estava começando a desaparecer. Além disso, a queda do socialismo real na Europa Central e Ocidental novamente havia causado conflitos, contradições e discórdias etno-religiosas na Iugoslávia. Seu estatuto sem alianças resultou em uma série de empréstimos de ambos os blocos (o capitalista e o socialista). Este contato com os Estados Unidos no Ocidente abriu os mercados da Iugoslávia antes do restante do continente.

A crise do petróleo de 1973 se somou às barreiras do comércio com o Ocidente, dificultando dramaticamente seus trinta anos de crescimento econômico expressivo. Para neutralizar este efeito, o país solicitou empréstimos do Fundo Monetário Internacional (FMI) e posteriormente mergulhou em uma dívida externa muito elevada. Como condição para receber empréstimos, o FMI ordenou a liberação do mercado no país. Em 1981, a Iugoslávia tinha uma dívida acumulada de US\$ 19,9 milhões. Outra preocupação era a taxa de desemprego, de um milhão em 1980. Este problema se agravou com a "improdutividade geral do sul", a qual não só submergiu a Iugoslávia mais ainda na catástrofe, mas que também irritou a Eslovênia e a Croácia. Uma década de pobreza resultou em uma frustração e ressentimento crescente contra a "classe alta" sérvia e a favor das minorias que se viam beneficiadas pela legislação governamental. Os verdadeiros lucros da Iugoslávia caíram 25% de 1979 a 1985. Em 1988 a dívida chegou aos 4,5 bilhões de dólares, e em 1989 alcançou os 6,2 bilhões, sendo 19% da dívida total do mundo.

Seduzidas pelos acontecimentos que levaram ao desaparecimento súbito da URSS e a Queda do Muro de Berlim em 1989, o que provocou um vácuo a leste, fazendo com que os estados da Eslovênia e da Croácia desejassem retornar a sua antiga posição pró-ocidental. Além disso, os eslovenos e os croatas não queriam mais ficar subordinados a uma república onde os sérvios, que eles sempre consideram culturalmente inferiores a eles, fossem maioria. Por trás do nacionalismo separatista estava a questão econômica e política. A Croácia e, sobretudo, a Eslovênia eram as repúblicas mais ricas da Iugoslávia. Ao mesmo tempo, sua organização econômica e social sempre esteve muito mais próxima do capitalismo que o sistema vigente nas demais unidades da federação.

b. Problemas estruturais

A Iugoslávia de Tito foi caracterizada por constantes reformas, que não conseguiram resolver os principais problemas nacionais. Além disso, o sistema federal, devido à tirania nacional crescente e o desejo do Partido Comunista de "apoiar a autodeterminação nacional" começaram a sair do controle. Isto resultou na criação de Kosovo, uma região autônoma da Sérvia, regida pela constituição de 1974. A constituição não reconheceu o poder da capital sobre as regiões autônomas criadas pouco tempo antes em Voivodina (uma área da Iugoslávia com um grande número de minorias étnicas) e Kosovo (com uma grande etnia de albaneses). Isto não somente agravou os temores dos sérvios de "uma Sérvia fraca para uma Iugoslávia forte" mas que também atingiu a base da identidade nacional da Sérvia. A maioria dos sérvios veem Kosovo como "o berço da nação", e não aceitam a possibilidade de perdê-la permitindo que seja povoada em sua maioria por albaneses.

A importância especial de Kosovo se deve à derrota do duque Lazar Hrebeljanović. Ele disse que foi traído em Kosovo Polje (Batalha do Kosovo), contra os turcos otomanos. A devastadora derrota foi o fim do reino sérvio e o começo de quase quinhentos anos de subjugação ante os otomanos (1389-1868). No entanto, os primeiros registros da batalha datam de depois de cem anos da mesma, na forma de poema. A mudança romântica dada a esse episódio da história contribuiu à

natureza sagrada e venerável da região de Kosovo. A importância de Kosovo nesta época tinha muito peso no que diz respeito à Sérvia.

Esta versão da federação essencialmente transformou a Iugoslávia em uma confederação, questionando a legitimidade do regime e engendrando ressentimento nas repúblicas mais ricas. Eslovênia e Croácia, as repúblicas mais desenvolvidas, sentiam-se continuamente frustradas por sua incapacidade de elevar seu nível de vida, já que tinham que bancar o desenvolvimento das repúblicas mais pobres, fato que descreviam como "o buraco negro econômico". Ressaltavam as vastas diferenças na qualidade de vida nas distintas repúblicas. A morte de Tito trouxe mais problemas; num esforço para assegurar seu legado, a constituição de Tito de 1974 estabeleceu um sistema de presidências de um ano de duração, com uma base dos oito líderes das repúblicas. Estes curtos mandatos eram muito ineficazes. Essencialmente, deixaram um vazio no poder que foi aberto durante a maior parte da década de 1980, e somente Slobodan Milošević controlou a situação em 1989.

c. Nacionalismo

A desintegração da Iugoslávia não interessava aos sérvios, já que minorias sérvias se encontravam por toda parte da Iugoslávia. Além disso, se as regiões se separassem, a Sérvia afundaria numa grande crise, pois não contaria com o apoio econômico das repúblicas mais ricas. Dessa forma, o nacionalismo sérvio se reacendeu e encontrou no político Slobodan Milosevic seu principal defensor; o mesmo ascendeu rapidamente em sua carreira política, ao defender a supremacia da Sérvia dentro da Iugoslávia e ao se colocar contra a independência de Kosovo. Uma vez que, desde a década de 1960 Kosovo demonstrava sua insatisfação por estar submetida à Sérvia, mas os separatistas foram silenciados pela ditadura de Tito. Com a morte do ditador, uma nova rebelião ocorreu - e, nessa ocasião, a população sérvia de Kosovo passou a ser violentamente atacada pelos albaneses kosovares.

Em 1987, Milosevic assume o controle do Partido Comunista da Sérvia. No mesmo ano, ele faz um famoso discurso a uma multidão de sérvios em Pristina, a capital de Kosovo, que marca a sua ascensão política no país. Os sérvios protestavam contra o que viam como perseguição por parte da maioria albanesa em Kosovo. Aproveitando-se disso, em seu discurso, Milosevic afirma que "ninguém jamais vai derrotar os sérvios" na província. Os sérvios consideram Kosovo o berço de seu povo, pois ali havia sido a sede de todo patriarcado sérvio na Idade Média (os sérvios, tendo se convertido à religião cristã ortodoxa na Idade Média, receberam o direito de ter seu próprio patriarcado, o que significava sua autonomia religiosa e política reconhecida pelo Império Bizantino).

Em 1989, Milosevic é eleito presidente da Sérvia, tendo como base o nacionalismo sérvio. No mesmo ano, durante o 600º aniversário da derrota histórica da Sérvia em Kosovo Polje, Slobodan Milošević faz um discurso a 200.000 sérvios (Discurso de Gazimestan), que se refere à grande história da nação. A resposta de Milosevic, à incompetência do sistema federal foi de centralizar o governo. Considerando-se que a Eslovênia e a Croácia estavam planejando a sua independência, este ato foi classificado como inaceitável.